

“MUITAS MORTES DE ÍNDIOS REGISTRADAS COMO SUICÍDIOS PODEM TER SIDO HOMICÍDIOS”

(Da antropóloga Roseli Arruda)

‘Suicídios’ de índios podem ter sido forjados

DOSSIÊ ENTREGUE HOJE À JUSTIÇA DIZ QUE SUICÍDIO DE 190 GUARANIS EM MATO GROSSO DO SUL É UMA FARSA

Dida Sampaio/AE - 12/12/95

O Ministério da Justiça recebe hoje denúncia de que 190 casos de suicídio ocorridos nas tribos guaranis, na periferia de Dourados, Mato Grosso do Sul, nos últimos 10 anos, seriam falsificações de cenas de homicídio — propositadamente forjadas por fazendeiros interessados nas terras indígenas.

As informações constam de um dossiê de 1,2 mil páginas, obtido com exclusividade pelo JT. Distribuído em dez pastas, com fotos e depoimentos tomados em delegacias e na Justiça, o documento é assinado pela antropóloga Roseli Arruda, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. O documento vai ser encaminhado ao ministro da Justiça, Nelson Jobim, pela Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos.

“O documento traz denúncias gravíssimas, mostrando que as cenas dos crimes podem ter sido mexidas. Vamos solicitar que o ministro da Justiça nomeie um perito para exumar as ossadas dos 190 índios e checar as denúncias de Roseli de que tudo teria sido forjado”, afirma Oscar Vilhena Vieira, consultor jurídico da Comissão Teotônio Vilela.

“Há fortes suspeitas de que muitas mortes sistemáticas de índios, registradas pela polícia es-



Índios guaranis em Mato Grosso do Sul: massacre disfarçado

pecialmente a partir de 1990, como sendo suicídios, sejam na realidade homicídios praticados a mando do Conselho Indígena e se relacionam direta ou indiretamente com as questões de posse de terra. É sob esse aspecto que pretendo fundamentar meu relato”, diz Roseli.

Ela elenca nas páginas do dossiê detalhes que recontam as mortes registradas oficialmente como suicídio. É o caso da morte do índio Ramão Gomes da Silva, ocorrida às 22h30 do dia 16 de novembro de 1995 na aldeia Jaguapiru. Ele foi encontrado suspenso em uma árvore, nos fundos de sua residência. O dele-

gado de polícia Gaudêncio Baptista Neto apurou que o corpo trazia ferimentos no supercílio e na região frontal da cabeça. “O galho em que ele estava dependurado não tinha condições de sustentar o peso do corpo da vítima. Ele foi colocado na árvore com o intuito de se burlar a Justiça”, afirma o policial Érico Montiel Vasques. Em maio passado, o laudo da cena do crime pôs um fim à história. “Ele morreu violentamente, com o emprego de instrumento contundente, e seu corpo foi colocado na árvore, já sem vida, para simular um suicídio e enganar a Justiça”, escreveu no laudo o engenheiro



civil Janary Nunes França, do Instituto de Criminalística de Mato Grosso do Sul.

Há no dossiê casos em que fazendeiros ofereceram, segundo as testemunhas, goles de aguardente para índios guaranis que freqüentavam bailes nos finais de semana. Dois dias depois, os corpos eram encontrados e o caso fechado como se fosse “suicídio por veneno ingerido”. Roseli Arruda acusa no dossiê um capitão da Reserva Indígena de Dourados como o suposto responsável pela falsificação de algumas cenas de suicídio. “Todas as minhas denúncias foram feitas com base em relatos dos familiares das vítimas e constam também num relato de viagem a Dourados feito pela psicóloga da Funai”, explica Roseli.

Claudio Julio Tognolli